



★ ★ ★

## PROMESSAS

Teatro Rápido, Lisboa, até dia 28

Trata-se do título genérico para as quatro peças que são apresentadas em janeiro no Teatro Rápido. E talvez não haja nada mais apropriado a este tema do que uma aliança, que está no cerne de "Pode Beijar a Noiva". Uma rapariga no escuro, luzes de lanternas de mão. Ela procura a sua aliança. Caiu do dedo? Escorregou? Nem sabe como a perdeu. Foi perdendo tudo o que tinha. Separou-se do marido; tinha um curso de Arquitetura, nunca trabalhou, depois da separação não conseguiu trabalho; ficou sem casa; vai perdendo peso, o corpo está também a desaparecer. A procura da aliança é uma tentativa de reencontrar um mundo de promessas que se vão tornando tão vagas que ela começa a duvidar si mesma. Será que alguma vez foi casada? Será que teve realmente aliança? "Pode Beijar a Noiva" é sobre o desaparecimento de tudo o que constitui a base da existência e da pessoa humana. Trata-se de uma aliança de ouro, um metal que se compra e que se vende; é também um sinal que aponta para a transcendência das transações materiais. Maria Carson dá-nos a entender, com o inteligente texto de Tiago Torres da Silva, o que se vai perdendo em situações como aquela que existe neste momento em Portugal. A aliança da mulher é um bocado de ouro, é um testemunho de promessas e é o símbolo de um mundo que desaparece quando desaparece o símbolo. "Diagonais", de Cátia Terrinca, Francisco Sousa e Ricardo Boléo, tenta conferir, com sucesso relativo, uma dimensão existencial à poesia da espera e da promessa entre duas pessoas; "Bolas de Neve", de Susana Romana e Bernardo Gomes de Almeida, centra-se no tema da responsabilidade, mas o assunto é vítima de um tratamento demasiado sucinto; "Professor Roberto", de Rafael Dias Costa, não chega a ultrapassar o aspeto indicativo das premissas — a denúncia da má-fé de quem compra a necessitados.

**João Carneiro**